

A AMAZÔNIA DAS “VISAGENS”: A PRESENÇA DO MEDO NA OBRA *TREM DAS ALMAS*, DE SIMON OLIVEIRA DOS SANTOS

Sonia Maria Gomes Sampaio¹

Mara Genecy Centeno Nogueira²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo investigar as narrativas de medo por meio de cinco contos presentes na obra *Trem das almas*, de Simon Oliveira dos Santos (2020). Os contos aqui analisados - A mãe que embala a ferrovia; O padre de preto; Trem das almas; Meu curumim não se esqueceu de mim; Morri no seringal pensando em ficar rico - têm relação direta com o fenômeno do medo de aparição de “visagens” que insistiam em aparecer para homens e mulheres na chamada Vila Murtinho-RO, que surgiu a partir de seu mito fundador, a antiga Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, construída entre os anos de 1907 a 1912. Tendo por mote a Madeira-Mamoré, os contos mostram o nativo como o grande responsável pelas dores, choros e medos desencadeados nessa parte da Amazônia. Na condição de selvagens/bárbaros, os nativos, aos olhos do colonizador, são considerados elementos diabólicos e perversos, que transformam a velha linha férrea e tudo em seu entorno em paisagens topofóbicas. Percorrer tais caminhos é o que propomos neste trabalho.

Palavras-chave: Medo, Trem das almas, Amazônia, Madeira-Mamoré.

THE AMAZÔNIA OF “TRAVELSE”: THE PRESENCE OF FEAR IN TREM DAS ALMAS, BY SIMON DE OLIVEIRA SANTOS

ABSTRACT: In the present article we investigate the narratives of fear through five short stories present in the work *Trem das almas*, by Simon Oliveira dos Santos (2020). The short stories analyzed here are: A mãe que embala a ferrovia; O padre de preto; Trem das almas; Meu curumim não se esqueceu de mim; Morri no seringal pensando em ficar rico. All of them are directly related to the phenomenon, especially the fear of “visagens” (sobrenatural sights) that insisted on appearing to men and women of the so-called Vila Murtinho-RO, which emerged from its founding myth, the old Madeira-Mamoré Railroad, built between 1907 and 1912. Having as their motif the Madeira-Mamoré, the tales show the native as the great responsible for the pains, cries and fears unleashed in this part of the Amazon. As savages/barbarians, the natives, in the colonizer’s

¹ Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP, 2010). Professora associada do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPG-MEL/UNIR); e-mail: soniagomesampaio@gmail.com.

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2015). Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia e professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPG-MEL/UNIR); e-mail: maracenteno@gmail.com

eyes, are considered diabolical and perverse elements, who transform the old railway line and everything around it into topophobic landscapes. To go through such paths is what we propose in this work.

Keywords: Fear, Trem das almas, Amazon, Madeira-Mamoré.

INTRODUÇÃO

[...] Permanecer certo tempo no meio da floresta provoca sensações diferentes. O frescor do clima é convidativo, pois os abrasadores raios de sol são atenuados reflexos sobre a densa ramaria, mas a penumbra misteriosa provoca medo. Olhar para cima é não ver distintamente o que há e o que se passa nas enormes alturas das copadas. Olhar pelos lados não se tem horizontes, tão densa é a vegetação na maioria das paragens hinterlandinas (FERRARINI, 2006, p. 15).

Desde os primeiros relatos de cronistas e viajantes, a Amazônia sempre foi temida. Inventada sob a égide do medo, foi classificada como um território paradisíaco em alguns momentos, mas bastante amedrontador em outros. Entrar na floresta e em seus rios, sem conhecê-los, é quase pedir para não voltar.

Na condição de território misterioso, tecido por narrativas indígenas e pagãs, aos olhos dos missionários das mais diversas ordens religiosas que chegaram à região, o medo psicológico se fez presente e criou relevos extraordinários, que conduziram homens ao desconhecido geográfico e populacional. Atraídos pela sede dos metais preciosos e, mais tarde, do ouro branco, o látex, subalternizaram corpos de homens e mulheres das mais diversas etnias, mas também tiveram os seus corpos subalternizados diante do desconhecimento das doenças tropicais e do medo da floresta, em decorrência das sensações provocadas, como apresentado por Ferrarini (2006), em epígrafe, dos trilhos da estrada de ferro e das águas caudalosas e sedutoras que banhavam os seringais.

Quando analisamos os relatos de viagens, há um cabedal de informações dando conta de uma Amazônia assombrosa e perigosa. O universo nela contido sempre suscitou sentimentos ambíguos, como a ambição e o medo, naqueles que aqui chegavam: todos queriam dominar e possuir, mas todos tinham medo de sucumbir frente ao desconhecido.

O medo do desconhecido e tantos outros circulantes na obra intitulada *História do medo no Ocidente*, de Jean Delumeau (2009), são reforçadores da mentalidade coletiva construída, ao longo da História, em relação aos mortos, ao ato de morrer e a fantasmas vindos das trevas. No lado ocidental do mundo, o temor foi nutrido de várias formas, substancialmente pelas narrativas com traços de oralidade, que asseguraram e ainda asseguram nos dias atuais os inúmeros medos que ainda temos, uma vez que a oralidade é uma fonte contínua de difusão de histórias.

Em primeira mão, esclarecemos que não utilizamos os vocábulos índios e indígenas, por considerá-los termos colonizadores para designar o nativo, o primeiro sujeito vivente da Amazônia. A exceção se dá quando o termo estiver presente nas narrativas analisadas.

O medo pode ser constatado por graus de dificuldades: falta de alimento; desconhecimento do território e dos nativos; endemias; floresta desafiadora, com formigas e insetos de toda ordem, que devoravam corpos; cobras que pulam de árvores e matam homens; uma paisagem apavorante, visto que o verde da mata confundia os olhos dos que tentavam enxergar os perigos, principalmente os nativos, tidos como perigosos. Somando-se a isso, há o pavor da floresta, dos rios, que, no inverno amazônico, encobriam árvores gigantes, deixando a paisagem ainda mais aterrorizante, uma vez que não se via terra. As narrativas tanto dos nativos quanto dos colonizadores foram criando uma aura de medo que determinou a forma de ver e ler a Amazônia.

Neste artigo, portanto, por meio dos contos presentes na obra *Trem das almas*, de Simon Oliveira dos Santos (2020), investigamos a presença do medo nas narrativas que têm como cenário a antiga Vila Murtinho, que se situava no encontro dos rios Beni (Bolívia) e Madeira (Brasil). A duzentos metros do rio, Vila Murtinho nasceu junto com a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM). Era a estação que tinha maior movimentação por ser ponto de embarque dos produtos da Bolívia, como castanha, borracha e copaíba, além de ser porto de desembarque dos produtos vindos do mundo europeu. Vale ressaltar que, durante o tempo em que a ferrovia esteve ativa, foram criadas algumas vilas ao longo da ferrovia: Jaci-Paraná, Mutum-Paraná, Abunã, Murtinho e a Colônia Iata.

Hoje, o que restou de Vila Murtinho e da Colônia Iata está abandonado; no passado, foram vilas prósperas pelo evento da ferrovia; na atualidade se resumem a uma ou outra placa marcando o local, uma igreja em estilo gótico cuja padroeira é Santa Terezinha, uma estação abandonada, uma

caixa d'água de mais de 100 anos, restos de algumas casas e muitas ruínas. Tudo o mais só existe na memória e nas escritas sobre essas antigas localidades.

Simon Oliveira dos Santos, autor da obra em análise, nasceu na antiga Vila Murtinho-RO. É mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). *Trem das almas* é o seu primeiro livro. A obra é formada por 17 contos que versam sobre o medo, a morte e as visagens que insistem em aparecer e assustar os sujeitos de Vila Murtinho na ficção. Por meio das narrativas, o leitor é conduzido ao universo amazônico de encantamento e medo, bem como a perceber a forte influência da religião católica em várias passagens dos contos; como exemplo, podemos citar o termo “visagens”, usado pelas personagens para descrever a aparição do sujeito que já morreu, ao invés de “assombração”.

Enfatizamos que, com a chegada da Igreja, o termo assombração foi considerado pagão e substituído por “visagens”. Assombração cabia nas narrativas nativas relacionadas aos encantados das florestas e rios. Ao homem batizado/cristão cabia o termo “visagens”, uma vez que a alma vislumbrada seria a de um cristão; portanto, apesar de causar medo, a aparição seria contida com rezas, enquanto a assombração/sombra não poderia.

Charles Wagley (1988), ao descrever a religiosidade dos moradores da cidade de Itá, situada no Baixo Amazonas, nos anos 50, ressaltou que as crenças relativas à pajelança na região amazônica estão ligadas a uma rede de relatos sobrenaturais, inclusive com direito à aparição do *Anhangá*, que, no Tupi nativo, significa sombra. Porém, a partir da chegada dos europeus, sobretudo os portugueses, a crença religiosa dos nativos passou por transformações, levando-os a descrever os encantados da floresta e dos rios na condição de “bichos visagentos” (WAGLEY, 1988).

Feitas essas considerações, passemos à tecitura primeiramente das representações da Amazônia e, posteriormente, à análise do medo, da morte e das visagens presentes nos contos de Simon Oliveira dos Santos.

1. AS REPRESENTAÇÕES DE AMAZÔNIA EM *TREM DAS ALMAS*

O caboclo amazônico, na sua jornada diária, seja na caça, seja na pesca, seja nas viagens, vive a doçura obcecante do olhar. “Olhar” que lhe é necessário por tudo e para tudo. Para reconhecer o caminho, para observar o tempo, para prevenir as

safras, para proteger as viagens, para guiar-se na escuridão, para escolher o lugar de pesca, para distinguir a via das estrelas, para refazer o caminho de volta. [...] Pelo olhar vai alcançando o coração das coisas (LOUREIRO, 2015, p. 147).

Ao ser inventada pelos cronistas e viajantes, como bem disse Neide Gondim (2007), a Amazônia acabou se revelando um território envolto em mistérios, que ora foi apresentado como paradisíaco ou demoníaco, ora em um quadro de voracidade, em que os rios afundavam não somente vidas, mas proporcionavam o fenômeno denominado “terra caída” nas beiradas dos rios, levando tudo ao seu redor, como que querendo punir as margens, consideradas impuras pelo discurso colonizador.

Nessa perspectiva, cabe-nos enfatizar que Santos (2020) insere em seus contos representações da Amazônia que se aproximam do “olhar” do amazônida, no sentido de guiar, proteger, prevenir, ajudar a refazer caminhos e alcançar o coração das coisas na região, como dito por Loureiro (2015), em epígrafe. Significa dizer, ainda, que os homens conseguem decifrar os códigos disponibilizados pela natureza, entendendo quando chegam as friagens, quando há muitos cardumes de peixe, quando vai chover, dentre outros aspectos. Como observa Loureiro (2015), em seu livro *Cultura amazônica*,

[...] vivendo dentro de um espaço, o homem tem com ele uma relação permanente de trocas. Na Amazônia, esse espaço físico está preenchido pelos e pelas florestas. É uma geografia do esplendor da tropicalidade, da qual emana o sentido do sublime, do imedido, dá exuberância cósmica (LOUREIRO, 2015, p. 136).

O convite à leitura do livro *Trem das almas* se deve, primeiramente, às histórias/causos da Amazônia, mais especificamente em Rondônia, que a obra nos oferta. Os contos trazem como cenários territórios de noites clareadas por lua e estrelas, paisagem verde-escura, animais e homens, bem como lugares tecidos pelo medo para impor respeito, habitantes mundiados/encantados, florestas e rios e a EFMM, corredor de tudo, ouvidora de lamentos e testemunha do mundo dos vivos e dos mortos, que fechava uma das margens do caminho, posto que, do outro lado, o caminho se fechava com o rio. Considerando retratos de Amazônia, podemos observar como ela é representada em *Trem das almas* no seguinte trecho:

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 34-49, 2021

[...] A Amazônia parecia um grande carrossel verde. Da janela da Maria Fumaça, que tomamos em Porto Velho, com destino ao Iata, fiquei observando o Rio Madeira. Naquele trecho suas águas eram mais agitadas. Grandes corredeiras enfeitavam seu leito barrento e imaginei que o rio seria uma grande seringueira a derramar ininterruptamente seu leite pastoso nas águas do Amazonas (SANTOS, 2020, p. 45).

As imagens da Amazônia representadas por seus habitantes são as mais diversas. Todas elas parecem saídas de um misto de realidade e sonho, podendo ser também o momento em que ela se mostra na sua encantaria. A Amazônia encantada e de encantamento é encontrada nos 17 contos, embalando a tônica do medo e da morte que rondavam a região de Vila Murinho, da colônia IATA e das redondezas.

O título do livro carrega em si um campo de análise. Intitular o romance como *Trem das almas* significa contar como se deu o processo de instalação da EFMM, vista por muitos como a implantação da modernidade na selva, no período de 1907 a 1912; ao mesmo tempo, significa explicar todas as benesses e agruras provocadas pela Maria Fumaça que, com seu apito - tal qual a *Matinta Perera* assombrava com seu longo e mortal assobio -, deixava os viventes da beira da estrada, dos seringais e rios entre realidades e sonhos do passado e do presente.

A obra *Trem das almas* pode ser lida como uma espécie de saga, embora seja um livro de contos, que apresenta o medo/loucura e a morte causados pela violência na disputa por seringais, pela ocupação das terras ao redor, pela violência, machismo e atos brutalizantes que aconteciam nos distantes espaços amazônicos.

Os contos sempre se referem ao que “não é desse mundo”, na expressão usada pelos amazônidas, ou seja, a fenômenos que não conseguem ser explicados em uma lógica racional. Confere-se a isso, na literatura em geral, o aspecto do fantástico. Como diz Lovecraft (1987, p. 10),

[...] sempre tremerão ao pensamento de mundos ocultos e insondáveis de vida diferente que quem sabe pulsam nos abismos além das estrelas ou sinistramente oprimem o nosso próprio globo em dimensões perversas que somente os mortos e os dementes podem vislumbrar.

Envolta em mistérios, as narrativas dos 17 contos que compõem o livro apresentam personagens como que tirados de outros mundos e situações insólitas relacionadas ao

comportamento humano. Neste escrito, selecionamos cinco contos que apresentam elementos recorrentes como o medo, a morte e as visagens. São eles: *A mãe que embala a ferrovia*; *O padre de preto*; *Trem das almas*; *Meu curumim não se esqueceu de mim*; *Morri no seringal pensando em ficar rico*.

Cabe-nos destacar que esta obra de Simon Oliveira dos Santos pode ser considerada um dos escritos que abrangem o quadro de voracidade impresso na literatura amazônica. Guardadas as devidas proporções, para além dos relatos de viagens, temos outras obras produzidas sobre a região que denotam tais impressões de voracidade, a exemplo de *O cabeleira*, de Franklin Távora (1876); *O cacaulista*, de Inglês de Sousa (1876) e *Inferno verde* de Alberto Rangel (1908), entre outras. Todas as datas são relativas ao ano de lançamento.

Nesse cenário de voracidade, os rios não afundavam somente barcos, mas vidas, e geravam medo em tudo ao seu redor, como se quisesse punir as margens consideradas impuras pelos muitos desmandos cometidos naquele lugar em relação às ditas minorias. Nesse caso, as minorias, que não eram minorias, restringia-se aos sujeitos nativos e aos nordestinos vindos para a Amazônia e que não possuíam bens materiais.

2. OLHANDO AS “VISAGENS”: AS APARIÇÕES DO OUTRO MUNDO EM TREM DAS ALMAS

Ver, portanto, não significa apenas ter olhos. Significa “olhar”. O Olhar não está diretamente relacionado com o olho. Mas com o sentido de perceber, de compreender, de abrir os sentidos. Ao mesmo tempo revela que, além do olhar, há vários olhares. Há o olhar físico e olhar da intuição. O olhar da intuição descobre o que está imanente nas coisas. O que vem submerso na realidade. O seu mistério. [...] (LOUREIRO, 2012, p. 149).

O livro de Simon Oliveira dos Santos é prefaciado por Marco Antônio Domingues Teixeira, que faz uma breve apresentação do conteúdo da obra e focaliza as memórias e reminiscências remontadas a uma Amazônia que está no passado; centraliza a ferrovia que ia de Porto Velho a Guajará Mirim e a população dos Vales do Madeira e do Mamoré. Sendo assim, é a mítica estrada de ferro e os cursos dos rios que banham os seringais que abrem caminhos para se chegar a um lugar

guardado na memória, a um lugar dos mortos, das visagens, do medo e de encantamentos, como quase todos os lugares da Amazônia.

Tudo o que acontece nos contos tem como cenário direto ou indireto o espaço de Vila Murtinho, que nasce e morre junto com a EFMM; e uma vez que morrem, estrada e ferrovia deixam suas almas, visagens e outros órfãos, incluindo os nativos, vagando para sempre pelos trilhos, como se quisessem demonstrar que eram legítimos e eternos guardiões da velha linha férrea.

É no seringal que o medo e a morte convivem com os moradores. Quase todos os contos trazem em sua narrativa o medo e as dores dos feitos do passado. Os ambientes dos contos são permeados de personagens homens, poucas mulheres, órfãos, visagens e outros seres encantados, que foram nos mundiando³ na condição de leitoras. As narrativas foram nos levando a entender que o lugar sem nome nos contos é um daqueles espaços onde a maioria morreu fisicamente ou por não ter mais sonhos. Mais que isso: os que estão “vivos” sobrevivem pela lembrança de seus mortos. Todos os contos têm dois elementos em comum: o medo a morte.

Nas paragens amazônicas, existe um ditado que diz que por aqui não se morre, se encanta. “Se encantar” também significa conviver com a dor da partida de um ente querido, conviver com a consciência pesada, em decorrência de atitudes impensadas e antiéticas contra os diferentes. É conviver com o drama da morte em vida, como a relatada no conto *A mãe que embala a ferrovia*. O conto narra a vinda do cearense Leôncio, que morava em São Paulo e resolveu ir em busca da família que morava na 1ª linha do Iata. Leôncio trouxera a mulher e o filho Gilberto, que estava em idade escolar e foi estudar em Guajará Mirim; o menino tinha como transporte uma bicicleta *Phillips Hercules*, muito veloz. Aconteceu um dia que o menino Gilberto foi para a escola e não voltou. Há alguns excertos no conto que nos encaminham para pensar que os fatos trágicos levam o leitor a cogitar a existência de outro mundo além do físico, o encantado. Vejamos como acontece a sucessão dos fatos:

[...] O burro acostumado com as agruras do destino ignorou os latidos e uivos dos cachorros magros e esfomeados. Severino acendeu lentamente seu velho cachimbo

³ Na Amazônia “mundiar” é o ato de encantar, proporcionado por um ser mítico da floresta ou dos rios.

e, olhando para a escuridão, disse: - É aqui que seu pai se esconde – e emendou – num fim de mundo desses ninguém mora, se encanta (SANTOS, 2020, p. 52).

[...] Naquela noite ele ficou em seu quarto e sonhou que sua bicicleta era tão veloz que o mais ágil dos índios jamais atiraria uma flecha com maior velocidade. Acordou lembrando-se da última cena: descendo a Serra dos Parecis, próximo de Guajará-Mirim, ao sabor do vento, rindo da falta de pontaria dos cabocos (SANTOS, 2020, p. 54).

Nunca mais foi encontrado, deixando um filho morto e uma esposa que enlouquecera e, desde então caminha pelos trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, entoando canções de ninar. Até hoje Safira é vista nas noites de lua cheia, nas proximidades do Igarapé Bananeiras (SANTOS, 2020, p. 57).

Nos excertos retirados do conto *A mãe que embala a ferrovia*, é inegável a presença das almas ou visagens, conforme se usa na região norte. Quando o pai de Leôncio afirma que quem mora na mata, não mora, se encanta, podemos pensar que os caboclos amazônicos entendem a mata como um lugar de encantamentos e mistérios, pois os seres encantados tomam conta do espaço verde.

Na sequência dos trechos citados, encontramos uma espécie de premonição de Gilberto, quando sonha que é atacado por nativos, mas consegue livrar-se da morte porque sua bicicleta é forte e ele é ágil. No entanto, Gilberto verdadeiramente morre no ataque e sua mãe se transforma em uma visagem que canta canções de ninar ao longo da ferrovia nas noites de lua cheia. Embora o texto afirme que a mãe enlouqueceu, podemos dizer que Safira se transformou em uma entidade que vive além do seu tempo e desse mundo, o que é típico dos encantados/visagens que aparecem próximos das águas; nesse caso, o Igarapé Bananeiras.

Para melhor compreensão do tema nos reportamos a Prandi (2005, p. 127), que diz que os encantados “são de muitas origens: índios, africanos, mestiços, portugueses, turcos, ciganos etc.”. Sendo assim, as almas que sucumbiram dentro do mato também viraram encantados, pois o encanto se dá nas profundezas do rio, no mais interior da floresta, no mar ou no ar, e aparenta ser uma realidade outra, intraterrena, ou seja, uma realidade que se coloca entre o *em cima* da terra e o *mais profundo* da terra.

Ainda sobre o tema do encantamento e almas, também chamadas visagens, temos o conto *Meu curumim não se esqueceu de mim*. Nele é narrada a história de Bodoroco, um velho nativo,

agora trabalhador do seringal, que foi capturado aos seis anos de idade por mateiros que mataram toda a sua família. Apesar disso, Bodoroco foi criado no seringal, casou, constituiu família, foi morar na Colocação Dois de Ouro e sofreu um ataque de outros nativos que terminou na morte de um dos seus filhos. Percebemos então, que a história se repetiu em outros moldes, ou seja, os mateiros mataram sua família e os “cabocos”, como eram também chamados os nativos, mataram seu filho.

[...] Bodoroco era o último da fila. A corda fina apertava suas pequeninas mãos de criança e pouco a pouco ele foi se afastando e se despindo daquele mundo encantado das noites de lua cheia, do peito materno, das brincadeiras dos curumins às margens do Igarapé Misericórdia, onde construíam imensas ocas de areia (SANTOS, 2020, p.114).

Ao chegar à cachoeira que roncava feito mil onças paridas, Bodoroco sentou-se na única pedra que a água não havia encoberto ainda e olhando para a força da correnteza viu o semblante de sua mãe, do pai e do filho e imaginou que aquelas águas eram um imenso seringal. Deixou-se cair, afundou abruptamente e, ouvindo o riso doce de seu curumim, sentiu a mão terna de sua mãe (SANTOS, 2020, p. 119).

O medo, a loucura e a morte constituem uma tríade quase sempre presente nas narrativas amazônicas, como elementos que se atraem. Normalmente, ao sofrer grandes perdas, os seres humanos buscam um lugar de refúgio, que não fica no real, mas também não chega à morte. Esse entrelugar é a sombra, o *entremundos*, e é nessa zona de intersecção que os sujeitos pensam ter entrado em uma nova realidade, na qual acontece tudo o que desejam. Esse lugar é o das encantarias, da fuga e, por isso, parece ser tão real. Bodoroco encontrou o que desejava.

3. OS CAUSADORES DO MEDO E DA MORTE: NATIVOS E FERROVIA

O medo é o sentimento que nos mantêm vivos, mas é também o que nos mata. Ele pode gerar, ou não, a morte. Podemos afirmar que, no livro *Trem das almas*, acontecem as duas situações: (i) o medo, como portador de um alerta para que não se cometa comportamentos excessivos, ou seja, como um ordenador moral das ações dos sujeitos da vila, que refreava e impedia outros homens de irem em frente; (ii) ao contrário, também em nome do medo, as pessoas pensam em se defender, lançando-se ao ataque e eliminando o outro considerado inimigo.

Nos retratos de Amazônia presentes nos contos de *Trem das almas* é perceptível a forma preconceituosa pela qual os nativos são tratados, pois são mostrados e tidos como a imagem do demônio, um ser obscuro, gerador de medo, ser encantado/desgraçado, abandonado à própria sorte; para a igreja, um ser das trevas, que vive nas entranhas da floresta.

Em todos os contos do livro há a presença do nativo. As imagens são de velhos nativos amansados pela força de captura e morte de toda a tribo, mas que já não reagem à força da colonização; porém, na maioria das vezes, são descritos como capazes das maiores selvagerias, são olhos de fogo presentes em todos os lugares, associados à forma demoníaca, como observamos no conto *O padre de preto*. Esse escrito narra a chegada de um padre italiano ao seringal dos Clímaco, com intenção de continuar a obra de evangelização dos nativos, nesse caso, a etnia Mura. O padre levava uma mala que as pessoas do vilarejo acharam estranha; pediu informações sobre como adentrar mais no interior da floresta e foi ajudado pelos trabalhadores mateiros do dono do seringal. O padre seguiu viagem e não mais voltou. Vejamos o que aconteceu:

Perguntou-me se era do meu conhecimento a localização do Seringal dos Clímaco e, se eu teria como guia-lo à colocação conhecida como Cumissura, pois pretendia fixar moradia nas proximidades do Igarapé Ribeirão e dar sequência, embora um pouco atrasado, ao processo de evangelização dos “pagãos” que se iniciara com os jesuítas, há muitos séculos, no litoral do Brasil.

[...] O padre de preto fora devorado pelos canibais.

[...] Havia manchas de sangue e tudo me levava a crer que o padre de preto fora esfaqueado pelos canibais feito um cão vadio. Além de arbustos, galhos, cipós retorcidos, havia cinzas no local, indicando que o infeliz fora moqueado.

(SANTOS, 2020, p. 67)

O padre italiano não conhecia a região, nem a realidade dos seringais amazônicos; entretanto, atrasado, em média, duzentos anos, chegou querendo catequizar os indígenas com miçangas e espelhos. Os Mura, etnia que o dito padre pretendia tornar cristã, era o povo mais valente e conhecedor da região do rio Madeira, exímios nadadores, viviam por baixo das águas e não hesitavam em atacar quem se aproximava ou invadia seu território. Os nativos são os donos da terra! Os seringalistas são expropriadores e matadores dos primeiros habitantes da Amazônia! Nesse dilema

de bem e mal que se coloca sobre o nativo, é mais fácil pensar na brutalidade da ação porque foi cometida em relação ao homem branco. Não seria se fosse o contrário, como normalmente foi.

A obra de Simon de Oliveira Santos, *Trem das almas*, traz o universo amazônico de Vila Murtinho, além de outros dois grandes elementos: a ferrovia e o nativo. Somente por agora colocaremos a ferrovia em primeiro plano, para evidenciar que ela é o lugar em que todos se encontram. É o caminho que todos percorrem e onde muitas tragédias acontecem, corredor entre o progresso e o inferno. Em segundo, o sujeito nativo e sua alma, amalgamada com toda a natureza em volta. O nativo é o sujeito escolhido para sintetizar a ambiguidade entre o bem e o mal. Nele são colocadas as sínteses de outros sujeitos, o melhor e o pior. Não se considera, em momento algum, quem é esse sujeito que teve seu território invadido em nome do progresso e vitimado pelas cuspidadeiras de fogo, sem chance de se defender. Ao contrário, o nativo é representado como a encarnação do mal, como monstro e como visagem, por saber desaparecer na mata. O invasor do seu habitat simboliza uma nova religião, uma nova prática cultural que exerce a enganação, a morte e a exploração de conhecimentos sobre plantas que curam.

No conto *Morri no seringal sonhando em ficar rico*, a personagem é um homem do qual não se sabe o nome. Sabe-se apenas que deixou a mãe e o restante da família no Nordeste e veio aventurar, visando ganhar dinheiro nos confins da Amazônia. Quando chegou à Vila Murtinho, o homem foi mandado para a colocação Carcará. Sonhou toda vida em poder voltar para sua terra, mas não podia porque não teria como pagar a dívida que arrastava, mesmo que trabalhasse dia e noite sem parar.

Vivendo em condições precárias, como todo seringueiro, resignou-se e resolveu ficar por ali mesmo. Quem sabe um dia... O dia de sua última viagem chegou na flecha de um caboco, bem antes que ele ficasse rico. Vejamos o trecho em destaque:

[...] Voltei-me para a cachoeira e vi dezenas de índios olhando-me há pouco mais de vinte metros de distância com os arcos em posição de tiro. Não pensei em nada, petrificado, sentindo apenas o gosto quente do sangue escorrer pela boca, atingida por uma flecha envenenada, indo cravar-se violentamente no fundo da minha garganta. Foi uma morte lenta, mas pelo menos não virei comida de urubu. Fui cremado em uma imensa fogueira feita com a madeira e as palhas do meu tapiri,

restando apenas sobre as cinzas o velho e encardido bule com café, mais uma vez requentado (SANTOS, 2020, p. 146).

O excerto acima traz o mesmo dilema sobre o nativo: bom ou ruim? O seringueiro, embora habite a colocação, não é dono, é apenas um empregado; no entanto, termina sendo atingido e vítima da questão que se colocou entre nativos e seringalistas pela posse da terra. A posse era resolvida em uma espécie de faroeste: quem tinha armas de fogo, tinha a terra. As mortes eram violentas e o recado dos nativos, que não queriam os seringueiros em suas terras, era queimar suas casas e corpos. Nesse mundo amazônico de medos e visagens, queimar os corpos era como matar a alma para sempre.

Ainda falando dos causadores do medo, voltemos ao conto *A mãe que embala a ferrovia*, observando alguns excertos que constam a figura do nativo, segundo o autor:

Em suas viagens diárias, Gilberto nunca percebera que, sempre ao pé da serra, escondidos, dezenas de índios o observavam todos os dias, impressionados com a força de suas pernas, que pedalavam aquele monstro negro e esvoaçante (SANTOS, 2020, p. 56).

Naquela tarde os índios resolveram que descobririam o mistério que Gilberto carregava nas pernas e ficaram à espreita, bem próximo do ramal, de modo que ao longe viam o ciclista se aproximar. Tabanã era o caçador mais habilidoso da tribo e fora designado pelo chefe para flechar o menino das pernas mágicas (SANTOS, 2020, p. 56).

[...] soltou aquela lasca de paxiúba pontiaguda, atravessando o tórax de Gilberto, derrubando-o já sem vida no sapé que brotava na margem do varadouro. Imediatamente, os índios se apossaram de um facão e deceparam na altura dos joelhos as duas pernas do menino e fugiram sem levar mais nada, nem bicicleta e nem os doces que ele tinha comprado, no mercado, para sua mãe (SANTOS, 2020, p. 56).

Esse conto é o mais marcante, porque traz a morte e o roubo das pernas mágicas de Gilberto. Nas lonjuras e no desconhecimento de objetos não pertencentes ao seu mundo, os nativos, quando viram o menino passar pedalando em sua bicicleta, associaram este ato a magia, achando que as pernas do menino eram habitadas por uma magia ou um poder que gostariam de conhecer e ter; por isso, deceparam e levaram com eles as pernas do menino. A crueldade da morte chocou a todos, mas o que nos chama a atenção é a associação de um transporte, a bicicleta, com a magia de um mundo branco, que os nativos não conheciam. Então, relacionaram as pernas mágicas aos espíritos da

floresta e, querendo comparar as magias dos dois mundos, apropriaram-se das pernas do menino para entender como funcionavam.

O conto *Trem das almas* traz a história de uma festa em Vila Murtinho, na qual estavam presentes quase todos os moradores, desde empregados da ferrovia, seringueiros, castanheiros, mascates, malandros, prostitutas e também o delegado, para colocar ordem em tudo. Ninguém queria ser preso, mas sempre surge confusão; então, o delegado de plantão teve que prender um dos homens que brigavam por uma *coquete*. Ao ser preso, Antônio Pretinho sabia o que o aguardava, pois aquela cela não era fácil de enfrentar. Vejamos:

[...] Tinha plena consciência que a cadeia, minúscula, sem janelas, com um cheiro de mofo e vômito insuportáveis, localizada às margens da ferrovia, não era o lugar mais adequado para passar o resto da noite, a ouvir uma interminável Maria Fumaça passar, carregada de almas gritando, clamando a caminho de um purgatório que nunca chega (SANTOS, 2020, p. 96).

[...] As histórias que ele tinha ouvido, desde criança, era de uma cadeia mal-assombrada. Morria de medo, ainda mais, das almas férreas (SANTOS, 2020, p. 97).

[...] De pé, em alerta, foi ouvindo muito longe o barulho de uma máquina na ferrovia. Sentiu o corpo gelar, o coração disparou e, petrificado, ia percebendo o barulho se aproximar (SANTOS, 2020, p. 98).

A EFMM, ou tão somente a ferrovia, é o elemento mais evidenciado em todos os contos. Seria impossível chegar a todos os lugares, aquém e além de Vila Murtinho, se não fosse por ela. A ferrovia não é tão somente os trilhos que levam e trazem passageiros no trecho entre Porto Velho e Guajará-Mirim. A ferrovia incorpora as vilas, as histórias de seus viajantes, a natureza ao seu redor e os invisíveis da floresta e do mundo das visagens e dos encantados; todos viajam com conhecidos e desconhecidos, com visíveis e invisíveis. Há os que vão vivos e voltam mortos, mas sempre no trem sobre os trilhos. Por isso, nas noites em que eram presas e ficavam na cela próxima de onde passava o trem, as pessoas entravam em desespero, pois sabiam que a Maria Fumaça arrastava em seus vagões todos aqueles que não conseguiam voltar para sua terra natal, uma vez que suas almas ficaram para sempre atreladas pelas maldades cometidas ou plantadas na terra que tanto desejaram.

O assustador, o desconhecido, as entidades, as visagens, os encantados ficam em seus lugares, mas a bestialidade, a luxúria, o desejo de posse, os que enlouqueceram, os exploradores, esses vagam dia e noite, fazendo o mesmo percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos chama a atenção no livro *Trem das almas* é que os contos são interligados. Muitas vezes a explicação para a dor recorrente das personagens, quando se trata dos seringueiros e seringalistas, aparece em todos os contos. Nesse mundo complexo amazônico, temos dúvidas, em alguns momentos, se habitamos o real da história ou se adentramos um espaço mágico em que tudo o que aconteceu pudesse ser desfeito pelos seres que ali habitam. É o que sentimos quando lemos esta obra de Simon Oliveira dos Santos.

A obra incita o leitor a pensar na indefinição ou confusão dos tempos presentes e passados em torno da ferrovia e dos seringais, no limiar dos mundos. As personagens vivem situações difíceis de definir, pois podem pertencer ao real histórico ou ao mundo fantástico. Os mortos são tão presentes quanto os vivos. O território, entendido pelos sujeitos da região como espaço social, é constituído tanto pelos que habitam a terra em sua superfície como pelos mundos das visagens/encantados, das almas. O rio e a floresta funcionam como abrigos para os vivos e para os mortos.

Nas concepções dos donos de seringais, o nativo era o grande responsável por todos os infortúnios acontecidos na região. Os novos pretensos donos da terra não usavam de parcimônia quando o assunto era o abate dos nativos, considerados como espíritos malfeitores, visagens e visões tenebrosas, que atrapalhavam o desenvolvimento dos humanos (os seringalistas e seringueiros) uma vez que os nativos não eram considerados humanos e sim corpos bestiais, sem alma.

Em todos os contos é revelado o pensamento do colonizador, sempre querendo atribuir ao colonizado - os mais antigos habitantes - toda a culpa pelo insucesso e posterior queda dos rendimentos da borracha, o único produto que sustentava a circulação do capital na Amazônia.

À medida que o látex amazônico foi substituído mundialmente pelo da Malásia, tudo começou a ruir nas cidades e nos seringais da região. O mundo se fechou para a Amazônia, bem como foi fechada a ferrovia e os nativos voltaram a ser novamente os olhos vigilantes da floresta. Resta apenas nas mais remotas memórias a presença dos que (mortos ou habitantes dos entremundos, visagens ou não) ainda frequentam, indo e vindo, os vagões do antigo trem, guiado pela velha senhora Maria Fumaça, em um percurso entre o nada e lugar algum.

REFERÊNCIAS

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. Trad. Maria Lucia Machado. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERRARINI, Sebastião Antonio. **Cenários Amazônicos**. Porto Alegre: CMC, 2006.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica** - uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MORAES, Francisco Américo Martins. **Terra encharcada**: um diálogo entre criação literária e certas histórias dos seringais da Amazônia. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Rondônia, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde**: cenas e cenários do Amazonas. Manaus: Valer, 2008.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudos dos trópicos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988.

SANTOS, Simon Oliveira dos. **Trem das almas**. Porto Velho: Temática, 2020

SOUSA, Inglês de. **O cacaulista**. Belém: UFPA, 1876.

TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. São Paulo: Editora Três, 1973.